

FAZENDO POLÍTICA

Perfil das Conselheiras
e Conselheiros
do Orçamento Participativo
2002/2003

PORTO ALEGRE

Planejamento Gráfico
Pozzobon Design - Ivete Cattani
Capa
Rosana Pozzobon e Ivete Cattani
Impressão
Nova Prova - Porto Alegre/RS
Tiragem
1.000 unidades

Agosto/2003

FICHA CATALOGRÁFICA

C569f

Cidade - Centro de Assessoria e Estudos Urbanos
Fazendo Política: Perfil das Conselheiras e Conselheiros do Orçamento
Participativo 2002/2003 - Cidade - Centro de Assessoria e Estudos

Urbanos.

Porto Alegre, 2003.

1. Orçamento Participativo 2. Administração Municipal - Porto Alegre (RS)
CDD - 352.498

AUTORIA

Elaboração e Realização da Pesquisa de Campo

Angela Quintanilha Gomes

Aparecida Luz Fernandes

Maria Gabriela Isasa de Mello

Regina Maria Pozzobon

Sérgio Gregório Baierle

Sistematização e Análise

Daniela Oliveira Tolfo

Colaborador

A montagem do banco de dados, apuração dos resultados e assessoria estatística em geral, foram realizados pela NRM Consultoria e Estatística Ltda. inscrita no Conselho Regional de Estatística da 4ª Região.

AGRADECIMENTOS

À Katholische Zentralstelle für Entwicklungshilfe e.v/
Miserior pelo apoio financeiro.

Às Conselheiras e Conselheiros que participaram
desta pesquisa respondendo, gentilmente, o
questionário, contribuindo para a primeira edição
da mesma.

Aos colegas da equipe do Cidade – Adriana Lima,
Cristiane Vianna Amaral, Delma Vargas, Josiane
Rosa da Silva, Lúcia Sarmentão e Luis Alberto da
Silva - pela leitura crítica, sugestões e apoio.

SUMÁRIO

- 7 Apresentação
- 9 Introdução
- 11 Qual o Perfil Sócio-econômico dos integrantes do Conselho do Orçamento participativo – Gestão 2002/2003
- 16 Como Conselheiras e Conselheiros do OP – Gestão 2002/2003 estão atuando e percebem do o processo do OP?
- 24 Algumas Considerações e Reflexões
- 26 Sugestões de Leitura
- 28 Anexo

APRESENTAÇÃO

Esta pesquisa, elaborada pelo Cidade – Centro de Assessoria e Estudos Urbanos, tem como objetivo delinear o Perfil dos participantes do Conselho do Orçamento Participativo (COP) do município de Porto Alegre - Gestão 2002/2003. Os dados trabalhados através de um enfoque nas relações de gênero, forneceram o perfil sócio-econômico e político-cultural de mulheres e homens que compuseram o COP durante esta gestão.

A pesquisa de campo foi realizada da seguinte forma:

- Aplicação de 46 questionários (32,6% mulheres e 67,4% homens¹) dentre os Conselheiros e Conselheiras Titulares e Suplentes – Gestão 2002/2003², contemplando todas as regiões da cidade.
- O questionário³ é composto de perguntas fechadas, de múltipla e única escolha.
- Conselheiras e Conselheiros responderam os questionários entre os meses de janeiro e março de 2003.

Na primeira parte deste trabalho, apresentamos qual o perfil sócio-econômico dos integrantes

do COP e, num segundo momento, as características da atuação e a percepção destes do processo Orçamento Participativo e do Conselho. Esta é a primeira edição da pesquisa e o Cidade pretende, de forma sistemática, dar continuidade ao trabalho, para obtermos o Perfil dos integrantes do COP ao longo do tempo.

Notas

¹ Em números absolutos: 15 mulheres e 31 homens.

² A amostra foi definida com base na proporcionalidade entre os gêneros no COP nesta gestão: 42,9% de mulheres e 57,1% de homens.

³ Questionário aplicado em anexo ao final da publicação. Ressaltamos que as possibilidades de análise dos dados não foram esgotadas nesta publicação, contudo, os dados estão disponíveis no Cidade para consultas e pesquisas.

INTRODUÇÃO

Nesta pesquisa apresentamos o Perfil dos integrantes do Conselho do Orçamento Participativo (COP) – Gestão 2002/2003 através de um olhar sobre a questão de gênero, pois cada vez mais esta é uma discussão presente nas esferas públicas, necessitando, assim, um aprofundamento do debate.

Ao falarmos de relações entre os sexos, seja na esfera privada (a casa) seja na esfera pública (a rua), utilizamos o conceito de gênero. Este conceito foi construído durante a década de 80, quando estudiosas da sociedade transformaram o fato das mulheres estarem participando cada vez mais da esfera pública - “trabalhando fora”, “fazendo política” -, ou seja, entrando em um mundo tradicionalmente dominado pelos homens, em uma discussão teórica e política.

Nesse sentido, voltar a atenção às relações de gênero que estruturam a sociedade e a cultura em que vivemos, significa questionar os papéis definidos socialmente para homens e mulheres. Quantas vezes já ouvimos (quase sempre em tom de brincadeira) que lugar de mulher é em frente ao fogão e tarefa de homem é susten-

tar a família? Estas e tantas outras falas, que muitas vezes repetimos sem nos darmos conta, estão carregadas de relações de dominação entre os gêneros.

Sendo assim, o objetivo principal desta publicação é contribuir no debate que busca a democratização das relações de gênero em nossa sociedade, a partir de um olhar sobre o Conselho do Orçamento Participativo, pois este é uma das esferas da participação popular de Porto Alegre na qual os sujeitos envolvidos – mulheres e homens - discutem e constroem políticas para toda a cidade. Políticas que estão permeadas de valores culturais, de visões de mundo, das características da sociedade que vivemos e da que queremos construir.

Nesta publicação optamos por lançar os dados para que os mesmos sejam analisados e debatidos por aqueles que vivem o processo cotidianamente, buscando provocar o repensar das práticas populares que estão construindo a participação na cidade de Porto Alegre.

QUAL O PERFIL SÓCIO-ECONÔMICO DOS INTEGRANTES DO CONSELHO DO ORÇAMENTO PARTICIPATIVO GESTÃO 2002/2003

Nesta primeira parte da pesquisa os dados trabalhados nos informam qual o perfil social e econômico das conselheiras e dos conselheiros que ajudaram a construir o orçamento participativo do município de Porto Alegre – gestão 2002/2003. Faixa etária, estado civil, escolaridade, renda familiar, etnia são apresentados a partir de um recorte de gênero.

Gráfico 1 Gênero – distribuição de freqüências absolutas segundo o gênero dos integrantes do Conselho do Orçamento Participativo - Gestão 2002/2003.

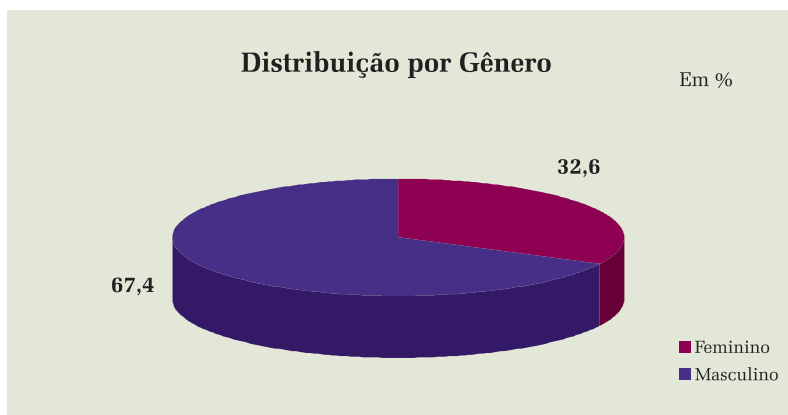


Gráfico 2 Distribuição de frequências absolutas segundo gênero e etnia dos integrantes do Conselho do Orçamento Participativo – Gestão 2002/2003.

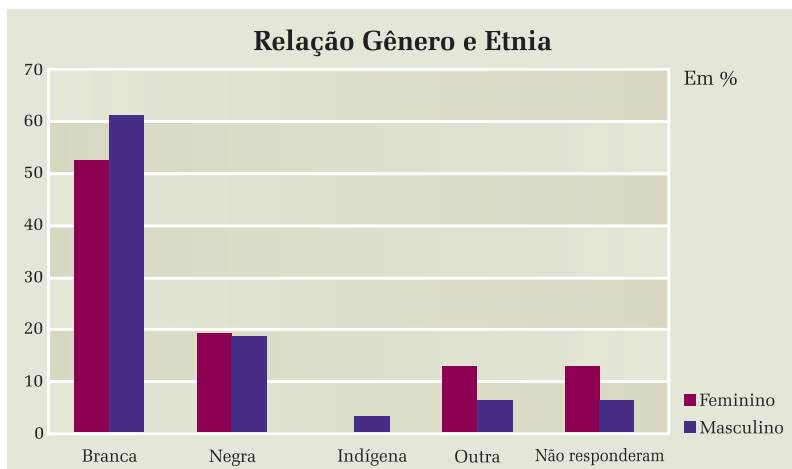


Gráfico 3 Distribuição de frequências absolutas segundo gênero e faixa etária dos integrantes do Conselho do Orçamento Participativo 2002/2003.

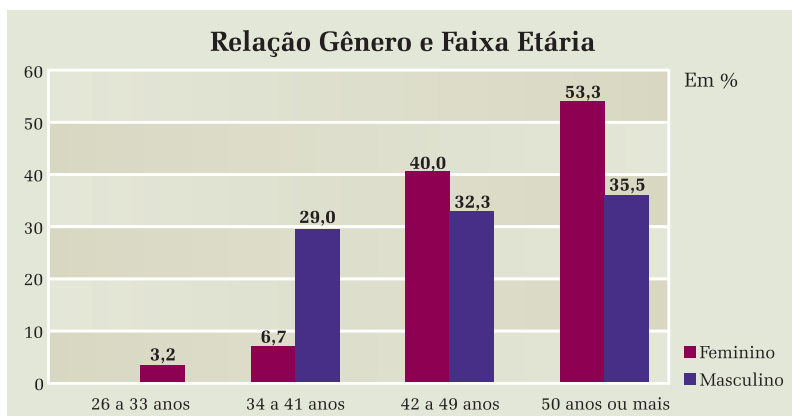
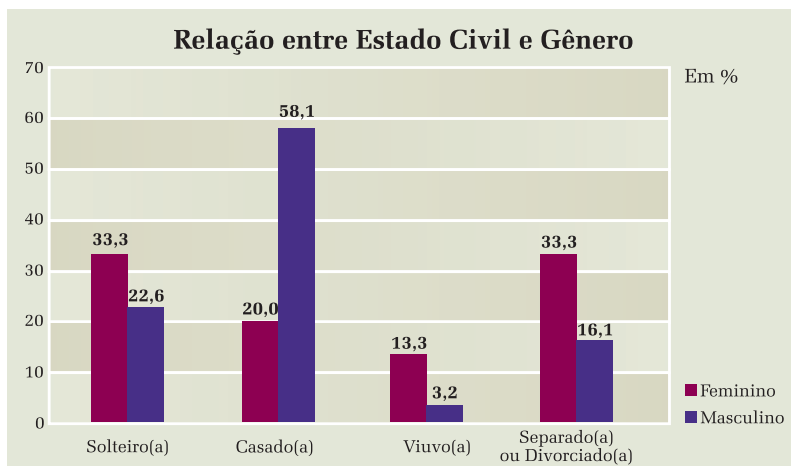


Gráfico 4 Distribuição de frequências absolutas segundo gênero e estado civil dos integrantes do Conselho do Orçamento Participativo 2002/2003.

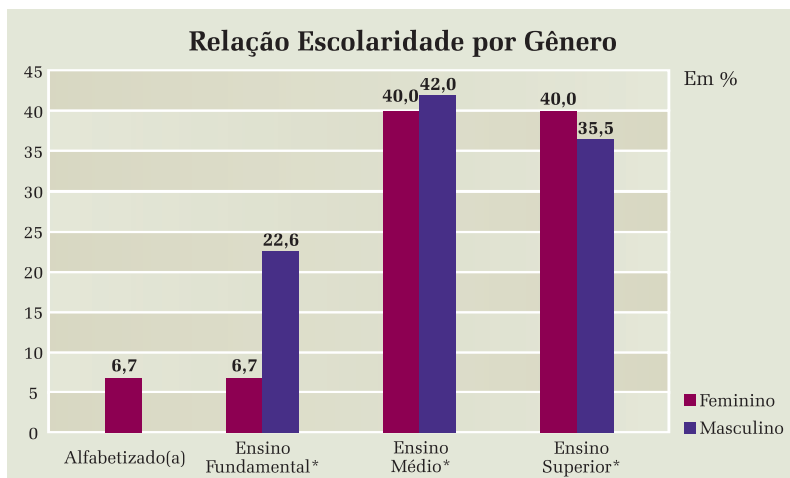


Observando o gráfico 3, percebemos que 93,3% das Conselheiras entrevistadas tem acima de 42 anos. Já a participação masculina distribuiu-se equitativamente entre as faixas etárias.

Já no gráfico 4, chama atenção o número significativo de homens casados, enquanto 66,6% das mulheres são solteiras, separadas ou divorciadas.

Outra questão interessante é o fato de somente três mulheres, do universo das entrevistadas, terem filhos menores de 12 anos. Enquanto a metade dos homens entrevistados tem filhos nesta faixa etária.

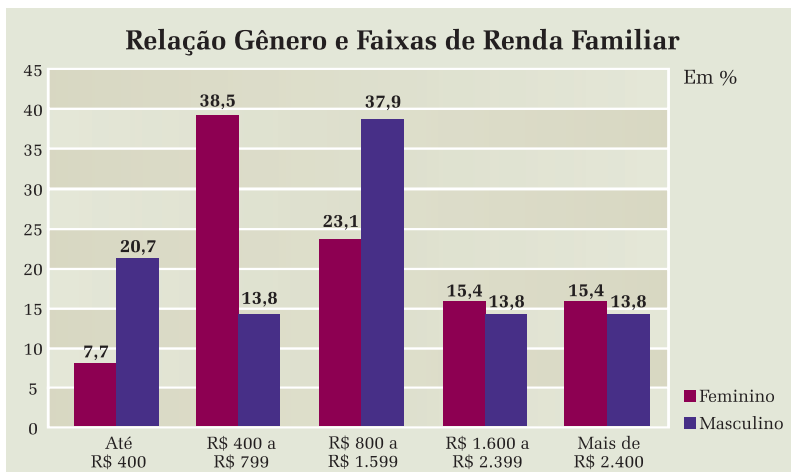
Gráfico 5 Distribuição de freqüências absolutas segundo gênero e escolaridade dos integrantes do Conselho do Orçamento Participativo 2002/2003.



* Agregamos os níveis completo e incompleto do Ensino Fundamental, Ensino Médio e Ensino Superior.

Percebemos no gráfico 5, que o grau de instrução, tanto das mulheres quanto dos homens que integraram o COP – Gestão 2002/2003 é alto, pois a grande maioria concentra-se no Ensino Médio e no Ensino Superior. Contudo, estes dados contrastam com a Pesquisa *Quem é o Público do Orçamento Participativo 2002?*, realizada pelo Cidade. Esta pesquisa demonstrou que 57,7% dos participantes da Rodada Única do OP tem Ensino Fundamental (Incompleto ou Completo).

Gráfico 6 Distribuição das frequências absolutas entre gênero e faixas de renda familiar dos integrantes do Conselho do Orçamento Participativo 2002/2003.



A primeira impressão que os dados do gráfico 6 nos passam é a de que os homens tem uma remuneração melhor que a das mulheres, pois 37,9% destes situam-se na faixa de R\$ 800,00 a R\$ 1599,00, enquanto 38,5% das mulheres recebem de R\$ 400,00 a R\$ 799,00. Contudo, 20,7% dos Conselheiros estão na faixa de renda mais baixa (até R\$ 400,00). Na outra ponta do gráfico, temos 30,8% das mulheres recebendo mais de R\$1600,00; enquanto os homens somam 27,6% nesta faixa.

Podemos relacionar estes dados com os de escolaridade, expressos no gráfico 4, quando temos 22,8% dos homens entrevistados com Ensino Fundamental enquanto as mulheres somam apenas 6,7% nesta faixa. Por outro lado, 40% das Conselheiras têm Ensino Superior completo ou incompleto.

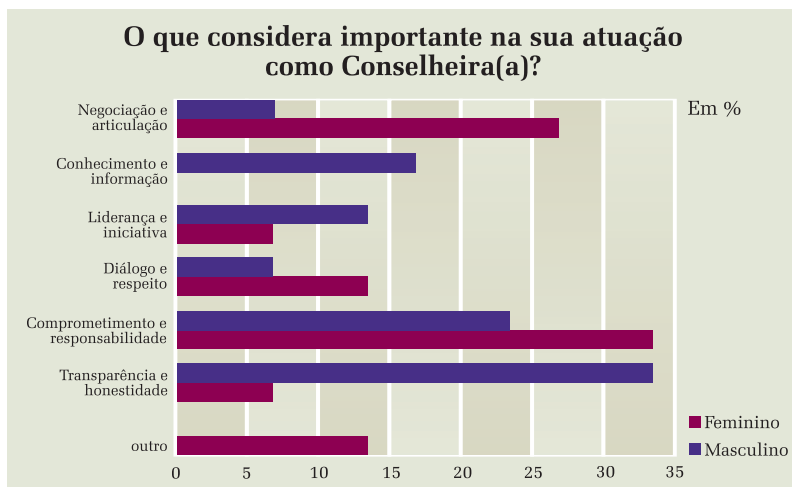
COMO CONSELHEIRAS E CONSELHEIROS GESTÃO 2002/2003 ESTÃO ATUANDO E PERCEBENDO O PROCESSO DO OP

A opinião destes sujeitos da participação popular sobre o Orçamento Participativo nos possibilita refletir sobre o próprio processo OP, na medida em que entendemos que são estas práticas que o constroem.

A partir dos dados apresentados, encontramos um perfil de atuação e percepção de Conselheiras e Conselheiros que integraram o COP durante a gestão 2002/2003. Partindo deste perfil, podemos perceber como o COP e a dinâmica do OP estão sendo construídos.

Apresentaremos alguns gráficos a partir do recorte de gênero, pois este é um olhar que nos auxilia a desvelar a cultura política que está permeando a atuação de Conselheiras e Conselheiros do OP nesta gestão.

Gráfico 7 Distribuição das frequências absolutas segundo gênero e grau de importância das questões que refletem a atuação do(a) Conselheiro(a) – gestão 2002/2003.



Na alternativa “outro” foi citado que todas as alternativas são necessárias na atuação do(a) Conselheiro(a).

Gráfico 8 Distribuição das frequências absolutas entre gênero e elementos que considera importante na formação do(a) Conselheiro(a) – Gestão 2002/2003. Múltipla escolha.

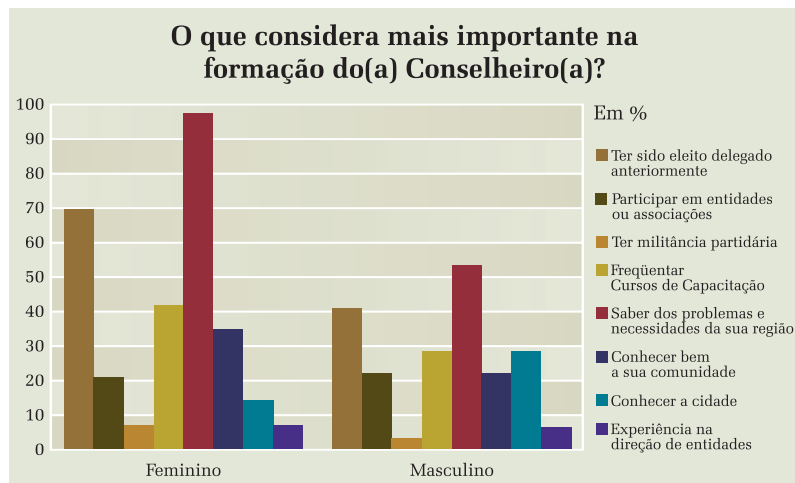
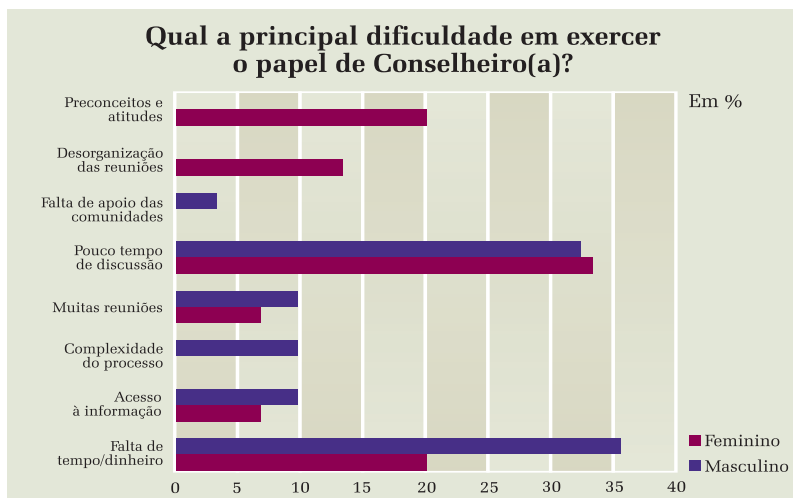


Gráfico 9 Distribuição das frequências absolutas segundo gênero e grau de dificuldade em exercer o papel de Conselheiro(a) – Gestão 2002/2003.

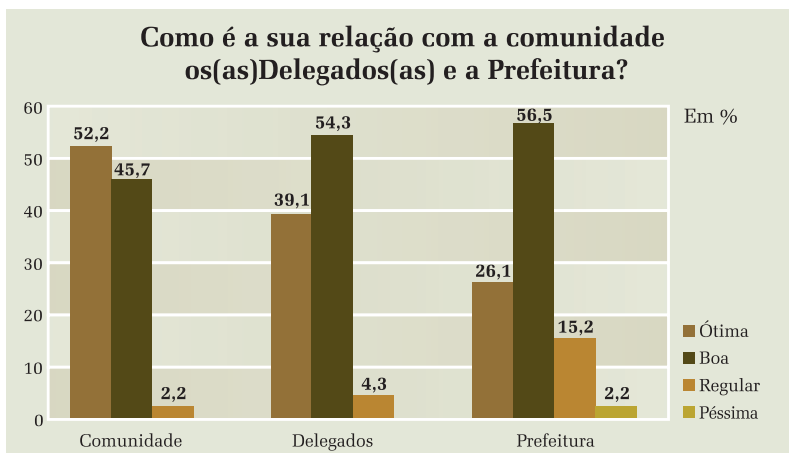


Destacamos no gráfico 9, o fato de 20% das mulheres escolherem a alternativa “preconceitos e atitudes” como a principal dificuldade de exercerem seu papel no Conselho do Orçamento Participativo. Quais seriam os *preconceitos e as atitudes* que estas mulheres se referem?⁴ Já para a maioria dos homens entrevistados (35,5%) a falta de tempo e/ou dinheiro é a principal dificuldade.

Notas

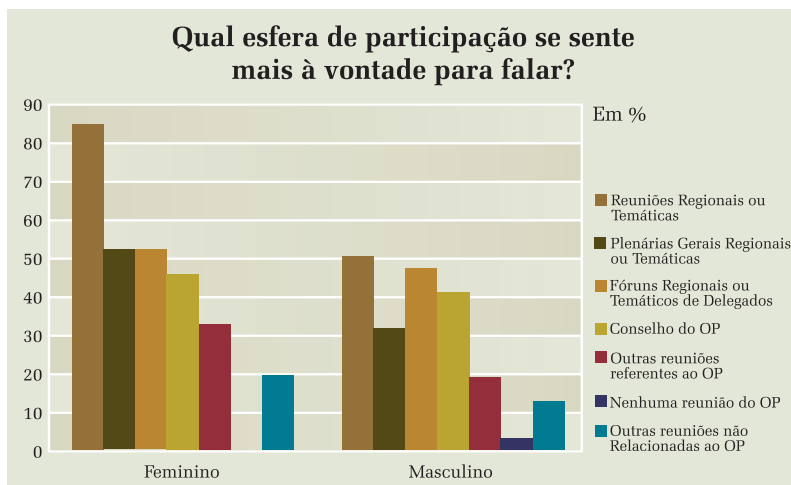
³ Esta questão não foi formulada como aberta (ver questionário em anexo), dessa forma não possibilitou que fosse especificado qual o tipo de preconceito ou atitude referida.

Gráfico 10 Distribuição das frequências absolutas considerando a relação dos(as) Conselheiros(as) com três esferas de atuação: comunidade, delegados(as) e prefeitura – Gestão 2002/2003.



O movimento das colunas do gráfico 10 demonstram que Conselheiras e Conselheiros estabelecem uma relação de maior entrosamento com a comunidade e com os Delegados(as); enquanto a relação destes com a Prefeitura é considerada, por um número expressivo de integrantes do COP – Gestão 2002/2003 como “regular”.

Gráfico 11 Distribuição de frequências absolutas segundo gênero e esferas em que se sente mais à vontade para falar – Gestão 2002/2003. Múltipla escolha.



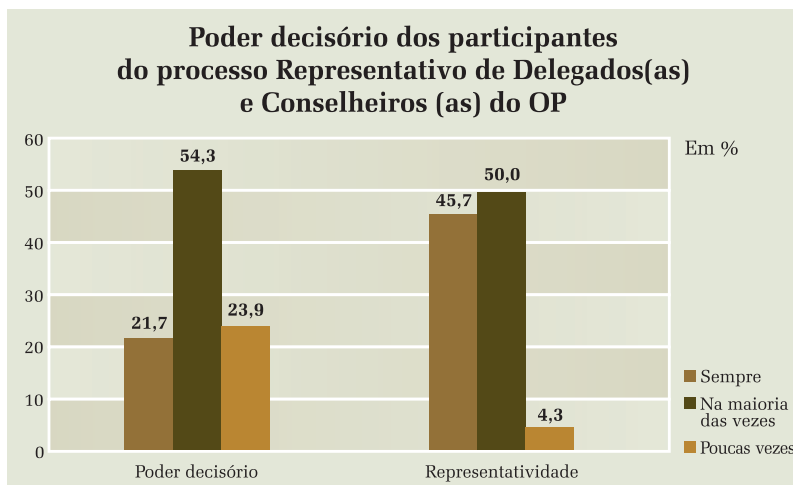
Os Gráficos 10 e 11 expressam como Conselheiras e Conselheiros estão atuando nas várias esferas e em relação aos diferentes atores envolvidos. Percebemos que há maior facilidade de falar nos momentos em que estão presentes a comunidade e os Delegados(as) e o bom relacionamento que ambos os gêneros revelam ter com estes.

Chamamos atenção, também, para o número expressivo de mulheres que se sente à vontade em falar em Reuniões Regionais ou Temáticas (86,7%).

Quando utilizamos um recorte de gênero na questão sobre a Relação de Conselheiras e Conselheiros com a sua comunidade (Gráfico 10), 60% das mulheres entrevistadas a consideram

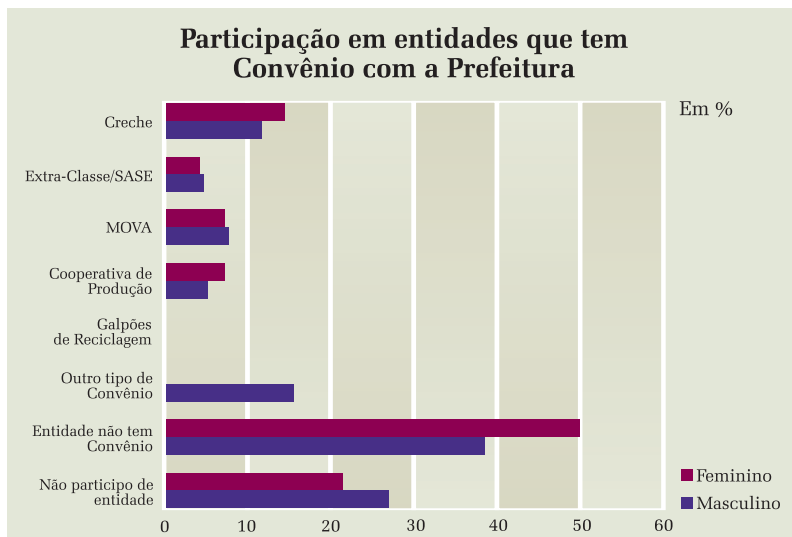
ótima, enquanto 48,4% dos homens têm este sentimento em relação à comunidade que representam.

Gráfico 12 Distribuição de freqüências absolutas acerca do poder de decisão dos participantes do OP e do grau de representatividade (respeitar e encaminhar decisões da comunidade) de Delegados(as) e Conselheiros(as) do OP – Gestão 2002/2003.



Percebemos no gráfico 12 que mulheres e homens questionam o poder decisório dos participantes do OP, pois 23,9% de todos que integram o COP acreditam que poucas vezes as pessoas que participam do processo realmente decidem. Em relação à representatividade dos eleitos, a grande maioria acredita que Delegados(as) e Conselheiros(as) respeitam e encaminham as reivindicações definidas pelas comunidades.

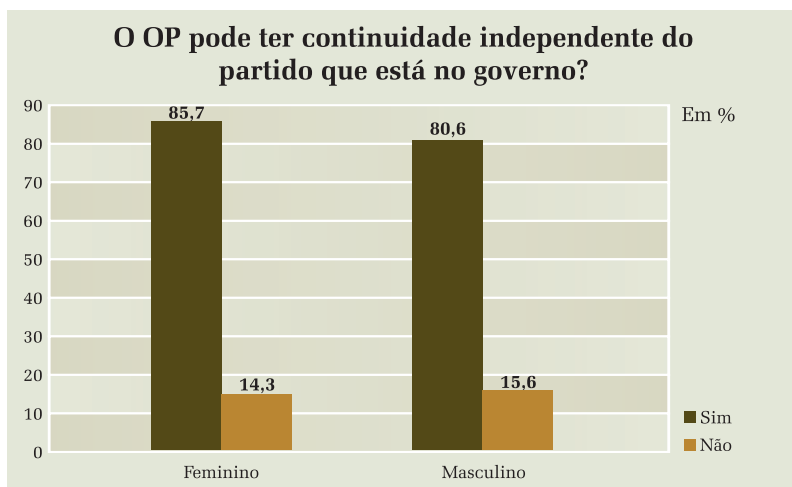
Gráfico 13 Distribuição de freqüências absolutas da participação em entidades da sociedade civil que possuem Convênio com a Prefeitura, segundo gênero – Gestão 2002/2003. Entrevistados poderiam responder mais de uma alternativa.



Destacamos que a alternativa "outro tipo de Convênio" não pedia que o entrevistado especificasse o convênio.

O Gráfico 13 expressa um alto índice de participação, tanto de mulheres quanto de homens, em entidades que não possuem Convênio com a Prefeitura. Já o número de homens que não participam de entidade é mais elevado que o de mulheres. Chamamos atenção, também, para o fato de os Galpões de Reciclagem não terem representatividade no Conselho do Orçamento Participativo – Gestão 2002/2003.

Gráfico 14 Distribuição de freqüências absolutas segundo gênero e a opinião sobre a continuidade do processo do OP – Gestão 2002/2003.



O fato de tanto mulheres quanto homens acreditarem na continuidade do Orçamento Participativo, independente do partido político que está governando a cidade, expressa um sentimento de protagonismo destes sujeitos que constroem OP de Porto Alegre. Construção que se dá através da participação em entidades da sociedade civil, da crítica sobre o processo, das relações que estabelecem com a sua comunidade, com a sua região e com a prefeitura.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES E REFLEXÕES

Desde o processo de 1998, a participação das mulheres nas Plenárias do Orçamento Participativo é maior que a dos homens. Contudo, isto não se reflete na composição do Conselho do OP, no qual a presença masculina é majoritária. Observamos estes dados no quadro abaixo:

Em %	1998/1999		2001/2002		2002/2003	
	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens
Plenárias do OP*	51,4	48,4	57,3	41,5	56,4	43,3
Conselho do OP**	31,0	69,0	48,8	51,2	42,9	57,1

* *Dados extraídos da Pesquisa Quem é o público do Orçamento Participativo – 2002 do Cidade – Centro de Assessoria e Estudos Urbanos.*

** *Levantamento elaborado pelo Cidade de todas as Gestões do COP, incluindo o Conselho(as) titulares e suplentes.*

A partir dos dados levantados nesta pesquisa, colocamos alguns questionamentos provocativos:

Como, através de um olhar sobre as relações de gênero, podemos repensar nossas práticas enquanto atuantes no movimento social e nas esferas de participação popular?

Qual a percepção das mulheres sobre as relações que caracterizam o Conselho do Orçamento Participativo?

Qual a importância e o significado de colocarmos nas nossas pautas de discussão as relações de gênero, as relações étnicas e raciais que vivenciamos tanto na esfera privada (a casa) quanto na pública (a rua)?

Estas são questões que nos ajudam a refletir sobre um processo popular que está cotidianamente sendo (re)construído pelos sujeitos atuantes nele, podendo, dessa forma, ser sempre aprimorado.

SUGESTÕES DE LEITURA

O que é Gênero?

Taciana Gouvêa e Silvia Camurça. Recife: Cadernos SOS Corpo, Gênero e Cidadania, 2000. N° de páginas: 33.

Quem é o Público do Orçamento Participativo?

Cidade – Centro de Assessoria e Estudos Urbanos. Porto Alegre, 2003. N° de páginas: 80.

Mulher, Gênero e Sociedade.

Andréa Brandão Puppim e Rose Marie Muraro (organizadoras). Rio de Janeiro: Relume Dumará: Faperj, 2001. N° de páginas: 173.

Gênero: desafio para políticas públicas.

Delaine Martins da Costa. Rio de Janeiro: IBAM, 1999. N° de páginas: 04.

Participação das Mulheres nos Espaços de Representação Popular.

Heike Friedhoff, Márcia Andrade e Stefan Knauer (organizadoras). Recife: Centro Josué de Castro, 2001. N° de páginas: 45.

Gênero: conflitos e desafios do novo paradigma.

Marta Lamas. Rio de Janeiro: FASE, 2000. N° de páginas: 14.

Masculinidade na História: a construção cultural da diferença dos sexos.

Sérgio Gomes da Silva. Brasília: CFP, 2000. N° de páginas: 08.

A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil.

Roberto da Matta, Rio de Janeiro: Rocco, 2000. N° de páginas: 163

O que é etnocentrismo?

Everardo P. Guimarães, São Paulo: Brasiliense, 1993, Coleção Primeiros Passos. N° de páginas: 95.

Notas

⁵ Todas as leituras sugeridas são encontradas no Centro de Documentação do Cidade. Cidade.de.

ANEXO

Questionário respondido pelas Conselheiras e Conselheiros que participaram da pesquisa.

REGIÃO/TEMÁTICA _____

Data _____

Perfil do Conselheiro(a)

1. Sexo

1 feminino 2 masculino

2. O Sr(a) se considera de qual raça? (marque apenas uma alternativa)

1 branco

2 negro

3 oriental

4 indígena

5 outro

3. Idade

_____ anos

4. Estado civil

1 solteiro(a)

2 casado (a)

3 viúvo (a)

4 separado(a) ou divorciado(a)

5. Quantos filhos(as) menores de 12 anos o Sr(a) tem?

_____ filhos(as)

6. Qual a renda familiar mensal [soma da renda total das pessoas que moram na sua casa]? Salário mínimo nacional = R\$200,00

_____ reais

7. Escolaridade

1 não alfabetizado(a) – não sabe ler e escrever

2 alfabetizado(a) – sabe ler e escrever pelo menos um bilhete simples

3 ensino fundamental (primeiro grau) incompleto

4 ensino fundamental (primeiro grau) completo

5 ensino médio (segundo grau) incompleto

6 ensino médio (segundo grau) completo

7 ensino superior (terceiro grau) incompleto

8 ensino superior (terceiro grau) completo

8. Atualmente, o Sr.(a) exerce alguma atividade remunerada?
- 1 sim. Qual? _____
 - 2 não. Caso tenha marcado “não”, qual é sua situação atual?
 - 1 desempregado
 - 2 do lar
 - 3 estudante/estagiário
 - 4 pensionista
 - 5 aposentado
 - 6 outro

Atuação do Conselheiro(a)

9. Quantas horas por semana o Sr.(a) dedica a essa atividade remunerada?
- _____ horas

10. O que o Sr. (a) considera mais importante na atuação de um Conselheiro(a)? (marque apenas uma alternativa)

- 1 negociação e articulação
- 2 conhecimento e informação
- 3 liderança e iniciativa
- 4 diálogo e respeito
- 5 comprometimento e responsabilidade
- 6 transparência e honestidade
- 7 outro. Qual?

11. Na sua opinião, qual a principal dificuldade em exercer o papel de Conselheiro(a)? (marque apenas uma alternativa)

- 1 falta de tempo e/ou dinheiro
- 2 dificuldade de acesso à informação
- 3 complexidade do processo
- 4 muitas reuniões
- 5 pouco tempo de discussão para as decisões
- 6 falta de apoio das comunidades
- 7 desorganização das reuniões
- 8 preconceitos e atitudes

12. O que o Sr.(a) acha importante para a formação de um Conselheiro(a) ? (caso queira, marque mais de uma alternativa)

- 1 ter sido eleito anteriormente delegado
- 2 participar em entidades ou associações
- 3 ter militância partidária
- 4 frequentar cursos de capacitação sobre o OP
- 5 ter o primeiro grau completo
- 6 conhecer bem a sua comunidade
- 7 saber dos problemas e necessidades da sua região ou temática
- 8 ter se candidatado a vereador

- 9 conhecer a cidade
- 10 ter experiência na direção de entidades ou associações
- 11 ter sido eleito conselheiro tutelar

13. Em quais reuniões o Sr. (a) se sente mais à vontade para falar?
(caso queira, marque mais de uma alternativa)

- 1 reuniões regionais ou temáticas
- 2 plenárias gerais das regiões ou temáticas
- 3 fóruns regionais ou temáticos de delegados
- 4 conselho do Orçamento Participativo
- 5 outras reuniões referentes ao OP. Quais?
- 6 nenhuma reunião do OP
- 7 outras não relacionadas com o OP

14. Como é na maioria das vezes a sua relação com a comunidade?
(marque apenas uma alternativa)

- 1 ótima
- 2 boa
- 3 regular
- 4 péssima

15. Como é na maioria das vezes a sua relação com os delegados?
(marque apenas uma alternativa)

- 1 ótima
- 2 boa
- 3 regular
- 4 péssima

16. Como é na maioria das vezes a sua relação com os representantes da administração? (marque apenas uma alternativa)

- 1 ótima
- 2 boa
- 3 regular
- 4 péssima

17. Para o Sr.(a), qual momento do OP é mais difícil de compreender?
(marque apenas uma alternativa)

- 1 escolha de demandas e prioridades
- 2 prestação de contas do governo
- 3 discussão da peça orçamentária
- 4 montagem do Plano de Investimentos
- 5 acompanhamento da execução do Plano de Investimentos
- 6 discussão do Regimento Interno
- 7 critérios gerais e regionais
- 8 critérios técnicos
- 9 montagem de chapas e eleição dos representantes (delegados e conselheiros)

18. Quantas horas por semana o Sr. (a) se dedica a reuniões do OP?
_____ horas

19. Caso o Sr. (a) participe de alguma entidade, poderia informar se esta entidade possui algum convênio com a Prefeitura? (caso queira, marque mais de uma alternativa)

- 1 creche
- 2 extra-classe / SASE
- 3 MOVA
- 4 galpão de reciclagem
- 5 cooperativa de produção
- 6 outro tipo de convênio
- 7 a entidade não tem convênio
- 8 não participo de entidade

20. Como são financiadas as suas despesas com a participação no COP (passagens, lanche etc)?

- 1 recursos pessoais
- 2 apoio de pessoas da comunidade
- 3 recursos de entidades ou associações
- 4 apoio de pessoas ou organizações de fora da comunidade

21. O Sr. (a) é favorável ao pagamento de algum auxílio financeiro (jeton) por parte da Prefeitura aos Conselheiros?

- 1 sim
- 2 não

Percepção do processo do OP

22. Na sua opinião, as pessoas que participam do OP realmente decidem sobre políticas públicas, obras e serviços? (marque apenas uma alternativa)

- 1 sempre
- 2 na maioria das vezes
- 3 poucas vezes
- 4 nenhuma vez
- 5 não sabe

23. Na sua opinião, os delegados(as) e conselheiros(as) do OP respeitam e encaminham as reivindicações definidas pela comunidade? (marque apenas uma alternativa)

- 1 sempre
- 2 na maioria das vezes
- 3 poucas vezes
- 4 nenhuma vez
- 5 não sabe

24. Na sua opinião, as informações e esclarecimentos prestados no COP pelos representantes da Prefeitura sobre o OP são satisfatórias?

(marque apenas uma alternativa)

- 1 sempre
- 2 na maioria das vezes
- 3 poucas vezes
- 4 nenhuma vez
- 5 não sabe

25. Na sua opinião, as mudanças introduzidas no OP (ciclo) a partir de 2002:

- 1 melhoraram o processo
- 2 pouco alteraram o processo
- 3 pioraram o processo
- 4 ainda não foi possível avaliar

26. O Sr. (a) é favorável a criação de novas temáticas?

- 1 sim. Qual? _____
- 2 não

27. Na sua opinião, a forma como o processo do OP está estruturado atende às expectativas do público participante?

- 1 totalmente
- 2 parcialmente
- 3 raramente
- 4 não atende
- 5 não sabe

28. O Sr.(a) acha importante um representante dos demais conselhos (Saúde, Planejamento, Habitação etc) no COP?

- 1 sim
- 2 apenas alguns
- 3 não

29. Na sua opinião, a contratação de ex-conselheiros para cargos de confiança na Prefeitura é:

- 1 positiva
- 2 negativa
- 3 não faz diferença

30. Na sua opinião, o processo do OP pode ter continuidade independentemente do partido que está no governo?

- 1 sim
- 2 não

31. Qual a nota que o Sr.(a) dá ao Orçamento Participativo de Porto Alegre? (de zero a 10)



CIDADE

Centro de Assessoria e Estudos Urbanos

Rua Antão de Farias 50 90035-210 Porto Alegre RS Brasil
Tel/fax (51) 3264.3386 cidadepa@portoweb.com.br www.portoweb.com.br/ong/cidade

FAZENDO POLÍTICA



Perfil das Conselheiras
e Conselheiros
do Orçamento Participativo
2002-2003

PORTO ALEGRE

CIDADE
Centro de Assessoria e Estudos Urbanos